

Considerações sobre a crise da indústria de máquinas e equipamentos e seus impactos na Geografia Industrial do município de Piracicaba - SP (Brasil)

Lucas Possedente Emerique

Universidade de São Paulo

lucasemerique@yahoo.com.br

Resumo:

O desenvolvimento econômico e industrial de Piracicaba - SP (Brasil) foi historicamente influenciado pelas variações do comércio exterior, especialmente do preço do açúcar, pelas conjunturas políticas nacionais - como o auge e o declínio do Proálcool - e pela chegada de imigrantes europeus no final do século XIX e início do século XX, os quais desempenharam importante papel na gênese industrial do município. Algumas dessas iniciativas pioneiras, inicialmente pequenas, transformaram-se em grandes indústrias, caracterizando o município de Piracicaba como um pólo da indústria metalúrgica e de máquinas e equipamentos, especialmente voltado para as necessidades da produção sucroalcooleira em expansão. A partir da década de 1970, o desenvolvimento industrial de Piracicaba passou por mudanças, desencadeadas pelo surgimento de uma nova conjuntura política e econômica mundial, a qual influenciou o processo de industrialização brasileiro e promoveu grandes transformações nas áreas de industrialização tradicional. Se por um lado o município atraía cada vez mais investimentos de capitais externos à região, os grupos de capitais locais, principalmente do setor metalúrgico e de máquinas e equipamentos, adentraram em um longo período de crise financeira. Nossa pesquisa apresenta algumas considerações sobre as estratégias adotadas pelos grupos industriais do município frente à crise, a crise nacional da indústria brasileira de máquinas e equipamentos, e a nova Geografia Industrial de Piracicaba.

Introdução

Localizada a aproximadamente 170 km da metrópole paulista, Piracicaba vivenciou entre as décadas de 1930 e 1970, um intenso processo de industrialização, impulsionado pelo desenvolvimento de sua agricultura e pelo crescente mercado consumidor que se formava na capital paulista.

O desenvolvimento econômico e industrial de Piracicaba foi, historicamente, influenciado pelas variações do comércio exterior, especialmente do preço do açúcar, pelas conjunturas políticas nacionais, como o auge e o declínio do Proálcool, e pela chegada de imigrantes europeus no final do século XIX e início do século XX, os quais desempenharam importante papel na gênese industrial do município, com destaque para os irmãos italianos Mario e Armando Césare Dedini (NEGRI, 1977).

A partir da década de 1970, o desenvolvimento industrial de Piracicaba ganhou outra dinâmica, reflexo de uma nova conjuntura política e econômica mundial, que influenciou o processo de industrialização brasileiro e promoveu maiores investimentos no interior paulista. Integrante da região de Campinas e próxima as principais rodovias do Estado de São Paulo - como Anhanguera, Bandeirantes e Washington Luiz - Piracicaba passou a receber novos investimentos industriais, destacando-se a chegada de grupos econômicos externos a região, de capitais internacionais, anteriormente quase ausentes do município.

Paralelamente a chegada de novos investimentos, a tradicional indústria piracicabana, baseada na metalurgia e na produção de máquinas e equipamentos, entrou em um longo processo de crise, com a falência, a reestruturação, e desnacionalização de alguns grupos locais.

Nosso presente artigo busca analisar essa conjuntura particular, relacionada aos tradicionais grupos industriais locais e suas dificuldades frente à crise econômica das últimas décadas.

Metodologia e objetivos

Não são poucos os estudos que abordam as transformações econômicas do sistema capitalista nas últimas décadas: Harvey (1992) denominou esse novo processo de “acumulação flexível”, marcada pela flexibilidade dos processos de trabalho e produção; por sua vez, para Lipietz e Leborgne (1988), o “pós-fordismo”, ou “modelo flexível” não se constituiria um único modelo, mas assumiria diferentes feições em cada região ou país.

Na presente pesquisa, adotaremos a interpretação desenvolvida a partir da chamada teoria dos ciclos econômicos, desenvolvida por Kondratieff e popularizada por Schumpeter (1985).

Segundo essa interpretação, o período pós-1973/74 deve ser entendido como o de uma crise do ciclo longo da economia. Ao aproximarmos a teoria dos ciclos econômicos à crise recente da economia brasileira, buscamos inspiração nos estudos de Rangel (1990), Castro (1979) e Mamigonian (1999), maiores responsáveis pelo esforço de adaptar as teorias cíclicas a história da industrialização brasileira.

Nossa análise do processo (histórico e dialético) de transformações na indústria em Piracicaba terá como base o conceito de formação econômica e social, ou do ponto de vista geográfico: formação socioespacial, tanto na escala nacional (SANTOS, 1977) como na escala regional (MAMIGONIAN, 1996).

Concordamos com Santos quando esse chama a atenção para que “é preciso definir a especificidade de cada formação, (...) a apreensão do particular como uma cisão do todo (...) assim como o todo reproduzido numa de suas frações” (SANTOS, 1977 p.12). A categoria de formação socioespacial é utilizada para a compreensão dos processos históricos, sociais e geográficos, pois cada “atividade tem um lugar próprio no tempo e um lugar próprio no espaço. Essa ordem espaço - temporal não é aleatória, ela é um resultado das necessidades próprias à produção” (SANTOS, 2002, p. 203).

Conforme Mamigonian (1996), a localização e a espacialização já estavam presentes em alguns estudos clássicos do marxismo, os quais podem servir de exemplo para a presente pesquisa:

“Na verdade, qualquer estudo rigoroso de formação social deve cuidar de localizações e espacializações, como se poder ver, por exemplo, em Lênin (Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia), Trotsky (“Peculiaridades do Desenvolvimento da Rússia”, in História da Revolução Russa), Gramsci (Questão Meridional), I. Rangel (“História da Dualidade Brasileira”) etc;” (MAMIGONIAN, 1996 p.204)

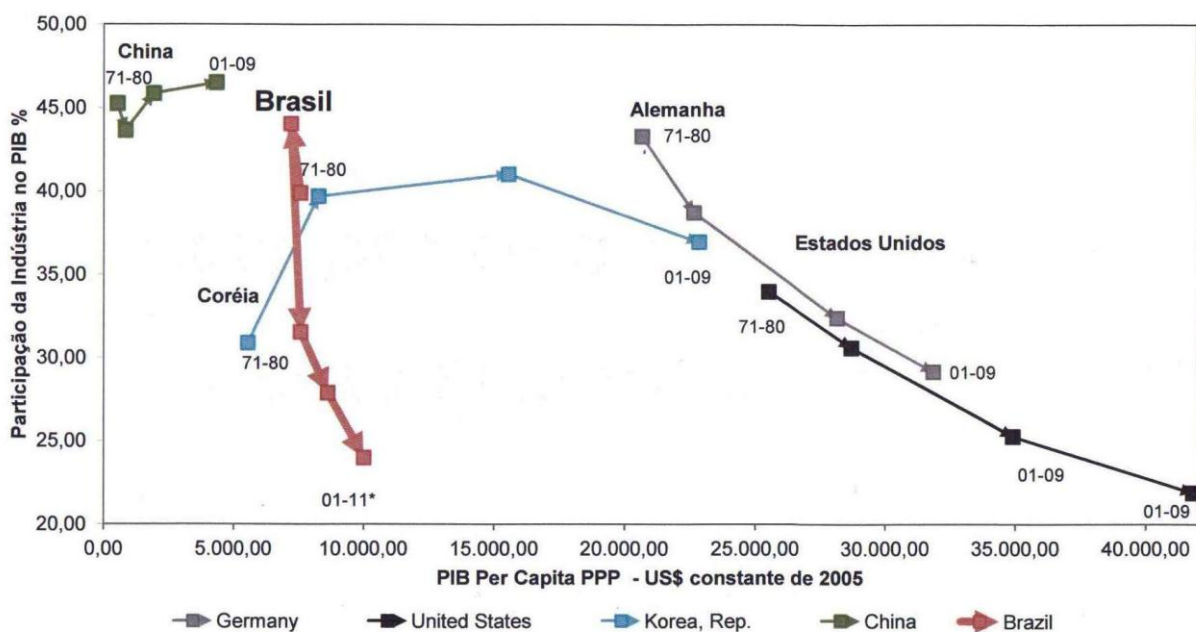
Assim, pretendemos analisar as transformações recentes da indústria de máquinas e equipamentos em Piracicaba-SP paralelamente à crise do setor no Brasil. Destacamos também

algumas estratégias adotadas pelas empresas locais e as transformações na geografia industrial do município.

1 - A crise na indústria de máquinas e equipamentos no Brasil

Segundo dados da ABIMAQ – Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos, a economia brasileira vive um processo claro de desindustrialização e desnacionalização da produção industrial. Ao contrário de outras economias nacionais, a redução da participação industrial no produto interno bruto brasileiro não ocorre paralelamente ao desenvolvimento econômico e social do país, pelo contrário, o Brasil vem abandonando politicamente a indústria (em especial a indústria de transformação) num processo de reprimarização da economia, que não trás benefícios a população (ABIMAQ, 2012)

PIB per capita versus participação da indústria no PIB

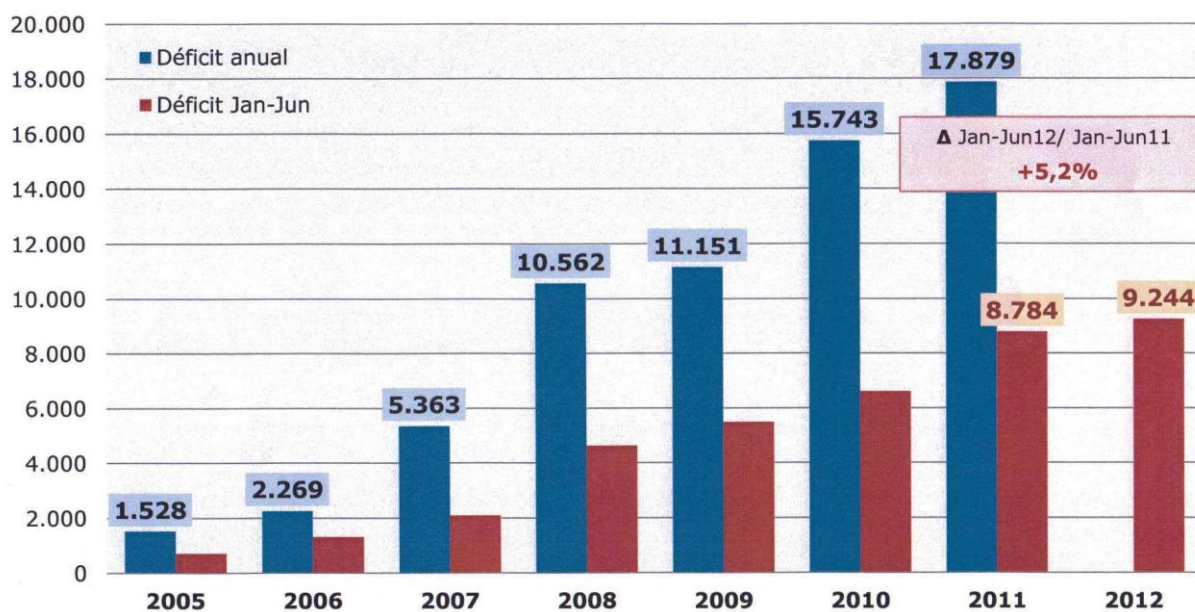


Fonte: Departamento de Competitividade, Economia e Estatística - ABIMAQ, 2012

Conforme o Gráfico anterior, as transformações vivenciadas pela economia brasileira nas últimas décadas destoam das mudanças vistas em outras formações sociais nacionais. Alemanha e Estados Unidos apresentam, paralelamente, redução da participação industrial no PIB e crescimento do PIB per capital; China e Coréia do Sul, realidades diferentes, quase não vivenciam grande redução da participação da indústria e também apresentam crescimento do PIB per capital. Segundo a Abimaq, a diferença entre essas realidades pode ser explicada pela combinação, na economia brasileira, de certos fatores prejudiciais à indústria: juros elevados, cambio desfavorável, custos elevados e baixos investimentos produtivos. (ABIMAQ, 2012)

As medidas adotadas pelo Governo Federal na última década visam o desenvolvimento econômico pelo estímulo ao consumo, baseado no acesso ao crédito. No entanto, o estímulo ao consumo sem grandes investimentos no setor produtivo tem levado ao grande crescimento das importações, que podem ser demonstradas pelo aumento nos déficits comercial do setor de bens de capital, que somavam US\$ 65 milhões entre 2004 e 2011.

Déficit Anual na Balança Comercial da indústria de Bens de Capital



Fonte: Departamento de Competitividade, Economia e Estatística - ABIMAQ, 2012

A crise internacional também favorece as importações, pois com a redução de demanda em outras economias, muitas empresas buscam novos lucros no mercado brasileiro. A combinação entre o aumento do consumo nacional, o câmbio desfavorável e o aumento das importações tem afetado o setor produtivo nacional. Novamente segundo a Associação, o nível de utilização da capacidade instalada caiu de 86,8% em 2008 para 76,8% no primeiro semestre de 2012, e a carteira de pedidos diminuiu 18,6% no mesmo período. (ABIMAQ, 2012)

2 - O desenvolvimento e a crise da indústria de máquinas e equipamentos em Piracicaba-SP.

O fator inicial da implantação de indústrias em Piracicaba foi à proximidade da matéria-prima, seja da cana-de-açúcar, no caso das usinas, ou do algodão, utilizado na fábrica de tecidos Santa Francisca. Mas foi com a chegada do imigrante europeu que se desencadearam as maiores transformações no futuro desenvolvimento fabril de Piracicaba.

Ainda no final do século XIX, Pedro Krahenbuhl funda uma fábrica de “trolleys” e tálburis, tida como a primeira grande indústria metalúrgica do Estado (1870), com cerca de 40 operários e que atendia o mercado consumidor paulista. Na virada do século outros empreendimentos semelhantes surgem na cidade, com destaque para a fábrica de arados de João Martins, de 1900, e a funilaria e caldeiraria Vesúvio, criada em 1907 por Vitório Furlani (SAMPAIO, 1976).

Entretanto, os primeiros empreendimentos industriais do município se desenvolveram em um período pouco favorável do país, dominado político e economicamente pela elite cafeeira, o que resultou no fechamento da maioria dos empreendimentos, como a fábrica de Pedro Krahenbuhl, que apesar do sucesso inicial, não acompanhou as mudanças tecnológicas advindas com o início da produção de veículos a motor.

Até 1920 as indústrias locais eram caracterizadas por pequenos e médios estabelecimentos, não essencialmente ligadas à cana-de-açúcar, visto a importância do café, deixando como legado ao

desenvolvimento do município a experiência técnica e profissional de uma mão-de-obra adaptada ao trabalho fabril, além do exemplo de iniciativa empresarial.

Segundo Sampaio (1976):

“(...) à localização em uma área tradicionalmente canavieira, em que o mercado consumidor se revelava atrativamente amplo e próximo, se uniram condições especiais de iniciativa empresarial, representada principalmente pelo imigrante europeu, e de evolução simultânea à ação de âmbito nacional desenvolvida pelo Instituto do Açúcar e do Alcool(…)” (SAMPAIO, 1976 p.84)

Foram justamente nas décadas de 1920-30 que a iniciativa empresarial e o conhecimento técnico do imigrante deram início ao grande desenvolvimento industrial em Piracicaba, possibilitado por alterações na conjuntura política e econômica nacional e mundial.

O principal marco do início desse desenvolvimento municipal foi a instalação de uma oficina de consertos e reparos de peças para usinas e engenhos de açúcar (1920), criada por Mario Dedini, imigrante italiano que trabalhara em uma usina da região. Esse empreendimento deu origem a um complexo mecânico-metalúrgico voltado para o equipamento e manutenção das novas usinas.

Quando explode a crise de 1929, o preço dos equipamentos importados se torna proibitivo, aumentando a demanda por produtos da Dedini, que já possuía a vantagem de não pagar royalties pela tecnologia utilizada. A crise também afeta a produção açucareira do Nordeste, que perde boa parte do mercado europeu e entra em decadência (LEÃO, 2005).

Segundo Rangel:

“Mais uma vez a economia, nas condições do prolongado estancamento do comércio exterior, com uma contração sem precedentes de nossa capacidade de importar, era chamada a um esforço em profundidade de substituição de importações.” (RANGEL, 1998 p.161)

A conjuntura econômica e política nacional e mundial favoreceram enormemente o empreendimento de Mario Dedini nas décadas seguintes, que foram marcadas pela atuação do I.A.A - Instituto do Açúcar e do Alcool, na substituição dos antigos engenhos pelas modernas usinas de açúcar e destilarias de álcool, as quais já contavam com a fabricação de equipamentos e peças nacionais. Em 1932, o grupo Dedini equipou totalmente a usina Boa Vista, construída em Iracemápolis pelos irmãos Ometto, e em 1946, associados a esses empresários, os Dedini equipam e participam da sociedade que daria origem a Usina da Barra, então maior usina paulista. (LEÃO, 2005).

Após o término da 2ª Guerra Mundial o território paulista vivenciou uma grande expansão da cana-de-açúcar para regiões mais a oeste, cujos novos canaviais já nasciam ligados às modernas usinas. As empresas de Mario Dedini se tornavam os grandes fabricantes e fornecedores nacionais de máquinas e equipamentos, sendo, inclusive, embriões de novas firmas do setor, criadas por antigos funcionários, como a Santin S.A. (1948), a Mario Antoni Metalúrgica Ltda (1952), e a Motocana S.A. Máquinas e Implementos Agrícolas (1959). (NEGRI, 1977)

A fabricação de peças de reposição e equipamentos para as indústrias de açúcar, álcool e aguardente marcaram a gênese dos setores metalúrgicos e de máquinas e equipamentos em Piracicaba, sob o pioneirismo do grupo Dedini e de outros empresários. Posteriormente os mesmos grupos iriam diversificar a produção de suas fábricas, acompanhando e buscando atender a demanda de diversos novos setores em crescimento da indústria paulista e nacional.

A partir da década de 1970, o desenvolvimento industrial de Piracicaba passou por mudanças, desencadeadas pelo surgimento de uma nova conjuntura política e econômica mundial, a qual afetou o processo de industrialização brasileiro e promoveu grandes transformações na economia da região. Piracicaba passou a atrair cada vez mais investimentos de capitais externos, mas a indústria tradicional se deparou com diversos períodos de crise nas últimas décadas.

O Grupo Dedini inicia essa nova etapa da industrialização piracicabana enfrentando dificuldades financeiras e pessoais: a Dedini Siderúrgica, que vinha sustentando o crescimento do grupo ao longo da década de 1960, apresenta drástica diminuição nos lucros no final da década de 1960; o fundador Mario Dedini falece em 1970, trazendo incertezas quanto à unidade e o futuro do

grupo empresarial; e o aumento do número de pequenas e médias empresas produtoras de equipamentos para usinas acaba afetando a participação relativa do Grupo Dedini no setor.

Com a morte do fundador, teve início o processo de redistribuição de ações. Assim, alguns integrantes da família retiraram do grupo e levaram consigo parte das empresas: Leopoldo Dedini, sobrinho de Mario Dedini, passa a controlar a Mause e a Mepir; Arnaldo Ricciardi, genro do fundador, e outros acionistas minoritários passam a controlar a Motocana; os demais familiares, liderados por Dovilio Ometo, também genro de Mario Dedini, permanecem com a maior parte das empresas e propriedades, como a Metalúrgica Dedini, a Siderúrgica Dedini, a Codistil, a Cerâmica Dedini e usinas de propriedade da família (NEGRI, 1977).

O ano de 1970 também pode ser caracterizado pelo início da gestão profissional do Grupo, com um Conselho de Administração apoiado em uma equipe de técnicos especializados que buscavam o equilíbrio financeiro, a organização produtiva e o controle de qualidade nas empresas Dedini.

Paralelamente, a conjuntura econômica voltou a favorecer o setor sucroalcooleiro. Ainda nos anos 1970 a atuação do I.A.A na modernização da produção de açúcar e o aumento do preço do petróleo criaram uma conjuntura bastante favorável à produção de álcool combustível, explicitado pela criação do Pró-Álcool em 1975. Inicialmente o programa incentivava a mistura do álcool na gasolina, mas após 1980 o uso do álcool como combustível independente ganhou destaque. Entre 1974-83, as duas únicas fábricas de destilarias do país, Codistil (Dedini) e Conger, ambas em Piracicaba, forneceram 471 novas destilarias (Maluf, 1984 apud Leão, 2005). Enquanto a Mause se dedicava a fabricação, montagem e modernização de usinas na região Nordeste.

Segundo Sampaio (1976), a importância econômica do grupo Dedini para Piracicaba era tal que, em 1972 o grupo tinha 34,4% das vendas e ocupava 33,5% de toda mão-de-obra industrial do município.

Em 1973, buscando aumentar o capital financeiro e a incorporação de novas tecnologias, o Grupo Dedini cria uma Joint Venture com a Kawasaki do Japão, hoje Itochu. Dessa união foi possível assimilar a tecnologia para produção de turbinas a vapor de até 10.000 kw, caldeiras power

boiler, e equipamentos para produção de cimento. A Join Venture também começaria a atuar nos setores de cimento, mineração e energia, tal como ocorreu em 1976, quando a Dedini forneceu 70% dos equipamentos da maior usina de hidratação de cal, encomendado pela companhia Vale do Rio Doce, e o restante foi importado da Kawasaki.

No início dos anos 1980, a Dedini Siderúrgica e a Dedini Metalúrgica eram a 1ª e a 3ª maiores contribuintes de ICM da cidade, e o grupo possuía cerca de onze mil trabalhadores, além de ser responsável por diversas inovações na produção e na produção e uso do álcool combustível. No entanto, a conjuntura nacional mudou, e as dívidas adquiridas pela empresa no processo de expansão se tornaram um grande problema (LEÃO, 2005).

Em 1990, buscando melhorar a situação financeira do grupo, ocorre a fusão Dedini – Zanini (até então, maior concorrente da Dedini, localizada em Sertãozinho-SP), que deu origem a DZ S.A. Engenharia, Equipamentos e Sistemas. A fusão criava a maior fornecedora do setor sucroalcooleiro nacional. Em 1991, entra na sociedade o grupo italiano E.Fochi, de Bologna, que atuava nos setores petroquímico, mineração, portos, energia, cimento, aço e meio ambiente. No entanto, a fusão não é bem sucedida, e em 1994 a parceria acaba, e o Grupo Dedini assume o controle da DZ, adquirindo as ações da Zanini.

No fim dos anos 1980, o pró-álcool perde apoio, e os próprios usineiros passam a priorizar a produção de açúcar, não do álcool. Assim, os anos 1990 foram marcados pelas tentativas de saneamento financeiro, buscando evitar a falência do Grupo. Entre 1994-95, as atividades já haviam se reduzido em 22%, com destaque para a crise na siderúrgica Dedini.

Quando Fernando Collor de Melo assume a presidência, a siderurgia brasileira apresentava forte participação do Estado, que controlava cerca de 70% da capacidade produtiva total. Seguindo as teses neoliberais, o novo governo elaborou o PND - Programa Nacional de Desestatização, como parte das reformas estruturais idealizadas para redefinição do papel do Estado na economia, reduzindo seu tamanho e ineficiência, tanto na produção de bens como na alocação de recursos. Uma das primeiras medidas do governo Collor foi o cancelamento de encomendas das siderúrgicas estatais, como Cosipa e CSN. Essa decisão desencadeou uma geral crise no setor de bens de produção nacional, atingindo diretamente o Grupo Dedini.

Em 1994, tentando enfrentar a crise, ocorre a venda de 49% das ações da Siderúrgica Dedini para a Belgo Mineira, empresa do grupo Arbed, de Luxemburgo. Em 2002 esse grupo uniu-se a Usinou (França) e Averalía (Espanha) dando origem ao maior conglomerado siderúrgico do mundo, que ainda possui a unidade produtiva em Piracicaba, atualmente denominada Arcelor-Mittal.

Em 1996 a Dedini desmobiliza parte do patrimônio imobiliário, desocupando o principal prédio administrativo da empresa, que passou a ser alugado como local para lojas e escritórios. No mesmo ano, o grupo apresenta ao BNDES plano de reestruturação. A empresa passou a ser dividida em duas unidades operacionais: Dedini S.A. responsável pelas usinas e fazendas; e Codistil S.A. Dedini, empresa produtora de bens de capital. Nesse período as dívidas chegavam a US 338,2 milhões (LEÃO, 2005).

Na virada do século, a conjuntura econômica voltou a ser favorável para o Grupo Dedini e para o setor sucroalcooleiro, com o surgimento dos carros bi-combustíveis e os crescentes investimentos em biocombustíveis.

Em 2010, o Grupo Dedini possuía tecnologia e capacidade produtiva para a fabricação de plantas completas para a produção de etanol, açúcar, eletricidade, diesel e água, além de cervejarias, plantas para tratamento de efluentes, e equipamentos diversos para os setores de açúcar e etanol, alimentos, celulose e papel, cimento, energia, fertilizantes, hidroelétricas, mineração, metalurgia, petróleo, gás, química e siderurgia.

Apesar do mau momento do setor de bens de equipamento, afetado pela crise de 2008, a Dedini entregou algumas encomendas importantes no período pós-crise, para clientes como: grupo ETH / Brenco (maior produtora de etanol de cana do mundo); Falling Film, Grupo Bunge; Cervejaria Schincariol; Petrobrás; e Grupo Caramuru.

Além da Dedini, outra empresa importante na economia piracicabana e com destaque no setor de máquinas e equipamentos é a Caterpillar.

O grupo americano Caterpillar chegou ao Brasil em 1954, com a instalação de um pequeno armazém no bairro da Lapa (São Paulo), onde iniciou a comercialização de peças. No ano seguinte

adquiriu uma área de 164.000 m² no bairro de Santo Amaro, onde construiu sua primeira fábrica no país, que começou a produzir motoniveladoras em 1960.

Em 1973 a empresa adquiriu uma área de quatro milhões de metros quadrados em Piracicaba, onde instalou sua segunda fábrica no Brasil, inaugurada em 1976. A nova fábrica estava localizada no principal acesso a cidade, região que foi posteriormente oficializada como o distrito industrial Unileste, posicionado estrategicamente ao lado da Rodovia Luiz de Queiroz, que interliga a Piracicaba e as Rodovias Anhanguera e Bandeirantes.

A unidade produtiva de Piracicaba se transformou nos anos seguintes, em um dos maiores responsáveis pelo emprego industrial no município, sendo inclusive considerada pelos piracicabanos como um “emprego do sonho”, fama construída também com base nos vários prêmios de “melhor empresa para se trabalhar” recebidos de revistas especializadas.

A Caterpillar atualmente responde por aproximadamente 80% do valor total exportado do município, cerca de US\$ 1,25 bilhão. No entanto, a situação da empresa foi bastante abalada pela crise financeira de 2008, e seus quase 6.000 funcionários vem sendo confrontados com Programas de Demissões Voluntárias e com suspensões temporárias de contrato de trabalho, estratégias utilizadas para a empresa nos últimos anos para reduzir a produção e os custos. Por atuar principalmente na fabricação de máquinas para a construção civil e ter uma boa parcela da produção exportada, a empresa é uma das mais afetadas pelas constantes variações cambiais.

4) A nova geografia industrial de Piracicaba-SP

Nas últimas décadas, novos atrativos locacionais substituíram a tradicional disponibilidade de matéria-prima do setor sucroalcooleiro como principais fatores que vem favorecendo a instalação de estabelecimentos industriais no município. Entre esses novos atrativos, estão à disponibilidade de mão-de-obra qualificada, a presença de universidades, de institutos de pesquisa, a relativa proximidade da metrópole paulista, da região de Campinas e das principais rodovias do Estado de São Paulo, além dos incentivos oferecidos pelo poder municipal.

Diversos grupos econômicos têm realizado investimentos em Piracicaba, tais como: Belgo Mineira (Cia Siderúrgica Belgo Mineira Metalurgia Básica, de Luxemburgo); Caterpillar (Caterpillar

Fab. de Máquinas e Equipamentos, Estados Unidos da América); Dedini (Dedini Máquinas e Equipamentos e Fundação Dedini Metalurgia Básica); Delphi (Delphi Fab. e Montagem de Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias, americana); Elring Klinger (Elring Klinger Automotiva, Alemanha); Case/CNH (Case New Holland Máquinas e Equipamentos, Estados Unidos da América); Votorantim (Votorantim Celulose e Papel e Celulose, Brasil; e Hyndai (Hyundai Motor, Coréia do Sul).

Muitos desses novos investimentos empresariais se localizam nos chamados distritos industriais, áreas públicas escolhidas junto as principais rodovias e preparadas pelo poder municipal para a atração de novos investimentos, que contam com diversos incentivos fiscais.

O processo de redemocratização e a nova constituição federal possibilitaram que Estados e Municípios adotassem medidas para atrair investimentos para seus territórios, políticas que acabaram se confrontando em uma verdadeira “guerra fiscal” pelas empresas.

Ao longo das décadas de 1990 e 2000, a prefeitura de Piracicaba aprova leis autorizando incentivos ao desenvolvimento industrial e comercial do município. Dessa forma, além da doação de áreas e da garantia de infraestrutura, uma empresa que quiser se instalar em Piracicaba pode contar com as seguintes isenções de impostos/taxas: Taxa de Licença para localização e funcionamento em horário local 100% ; ITBI (Imposto sobre transferência de Bens Imóveis) – 100%; IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) 100% por até 5 anos; ISSQN (Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza) – às empresas prestadoras de serviços terceirizadas, responsáveis pela construção da empresa: 100%, às responsáveis pela instalação e montagens industriais da empresa: 60%; e às que se dediquem, prioritariamente à pesquisa e ao desenvolvimento de novas tecnologias : 60% (SEMDEC, 2012).

Atualmente Piracicaba possui os seguintes distritos industriais preparados para receber atuais e futuros investimentos, com suas respectivas datas de criação: UNILESTE (1976), UNINORTE (2001), PARQUE AUTOMOTIVO (2008), e PARQUE TECNOLÓGICO (em implantação)

O Parque Automotivo suporta o empreendimento industrial que mais tem se destacado em Piracicaba nos últimos anos, a implantação da fábrica brasileira da Hyundai Motors, com

investimentos estimados em 600 milhões de dólares, montadora que traz consigo nove de seus fornecedores internacionais (Mobis, Dymos, Glovis, Hysco, Ms Autotech, Hwashin, Doowon, Hanil E-Hwa, Th-Net), que devem somar mais US\$ 200 milhões em investimentos no município nos próximos anos.

O Parque Tecnológico prevê a instalação de uma incubadora de empresas (parcialmente concluída) com espaço para 24 empresas, instituições de ensino, como a Fatec e um IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, laboratórios, biblioteca, sala de reuniões e auditório.

Esses novos investimentos, espaços e grupos industriais, dão origem ao que chamamos aqui de nova geografia industrial de Piracicaba, uma nova organização espacial da produção piracicabana, constituída pela tradicional indústria local, basicamente relacionada aos setores da metalurgia e de máquinas e equipamentos, com novos setores e agentes, frutos de investimentos recentes e que estão concentrados em novos espaços industriais, denominados pelo poder público de distritos industriais.

5) A necessidade de uma política industrial nacional

Ao estudarmos as transformações recentes da indústria no município de Piracicaba nos deparamos com duas situações bastante distintas: por um lado, novos investimentos em setores antes não presentes na cidade, por outro, um cenário de crise no tradicional setor industrial, ligado principalmente à metalurgia e a produção de máquinas e equipamentos.

Para compreender essas realidades distintas não basta analisarmos as transformações locais ou regionais da economia; é dissecando as mudanças da conjuntura política – econômica do capitalismo brasileiro (e mundial) que encontramos melhores respostas.

As diferentes interpretações sobre as causas e as consequências da crise econômica iniciada nos anos 1970, e as teses interpretativas sobre as últimas décadas, são reflexo das

transformações na economia, e principalmente na ideologia, que foram afetadas pela crise do sistema capitalista, pelo fim do socialismo soviético e pelo crescimento das ideias neoliberais.

Paralelamente aos impactos da crise econômica, políticas liberais foram adotadas em boa parte das nações desenvolvidas, favorecendo o comércio internacional e a circulação global de capitais, bastante facilitados pelas novas tecnologias de comunicação. Esse crescimento do comércio internacional e os processos de desnacionalização e privatização que se tornaram comuns, acabaram favorecendo interpretações que retiram da etapa produtiva o potencial dinamizador da economia.

No entanto, conforme Chang:

“no longo prazo, a desindustrialização é um problema porque o setor de manufatura é o mais confiável motor do crescimento. Isso acontece porque na indústria há, geralmente, um maior crescimento de produtividade que em outros setores e, mais importante, é a principal fonte de progresso tecnológico. É onde a maior parte da pesquisa e desenvolvimento é feita e onde a maior parte da inovação tecnológica acontece” (CHANG, 2013)

Assim, destacamos a necessidade de uma política industrial nacional, com estímulos ao consumo de bens de capital produzidos no país e a consequente redução das importações. Tal política não pode mais ser vista como uma proteção de mercado para empresários favorecidos, mas sim como um real projeto de desenvolvimento e de autonomia do país.

Entendemos também que os estudos que buscam explicar as transformações da indústria brasileira apenas como resultado de um novo período histórico, geralmente denominado de “globalização”, ignoram o poder sempre presente dos estados nacionais de interferirem ativamente (ou passivamente) na economia. Observando as transformações da indústria de máquinas e equipamentos em Piracicaba, parece-nos claro que não podemos escapar da análise da mais recente etapa de desenvolvimento da formação social brasileira.

Conclusões

Apesar da atual diversificação industrial de Piracicaba, o setor de máquinas e equipamentos ainda apresenta importância de destaque na economia. O surgimento dos carros bi – combustíveis e o conseqüente aumento do consumo do álcool parecem ter recuperado alguns grupos industriais locais, que estavam em decadência após o fim do Pró – Álcool. Por sua vez, empresas como: Catterpillar, Case it e Motocana, possuem um mercado consumidor mais amplo, atendendo o setor agrícola como um todo, além da construção civil, não dependendo somente do desempenho do setor sucroalcooleiro.

A nova geografia industrial de Piracicaba, setorialmente mais diversificada, não possui grande dependência em relação ao preço internacional do açúcar ou a programas de incentivo a utilização do álcool combustível. No entanto, a indústria piracicabana está cada vez mais sujeita a influência de centros financeiros e decisórios distantes, num processo claro de internacionalização de sua economia.

Considerando, em paralelo, a crise da indústria nacional de equipamentos e os problemas enfrentados pelas firmas piracicabanas, parece-nos claro que o maior desenvolvimento, e talvez até a simples sobrevivência dessa indústria depende de uma atuação mais decidida do poder público no planejamento do desenvolvimento nacional.

Se adotarmos como verídicas as ideias que defendem o fim do papel do estado nacional no estímulo ao desenvolvimento econômico, e por conseqüência, que a concorrência atual se daria em outras escalas, com a disputa por investimentos entre regiões ou metrópoles (ganhadoras?), restaríamos a futura constatação de que nossos arranjos produtivos não possuem, na maior parte, condições de enfrentamento. Mas se não abandonarmos a visão totalizadora proporcionado pela teoria dos ciclos econômicos e a categoria de formação social, não nos escapará a constatação de que as principais regiões industriais mundiais não possuíram e não possuem desenvolvimento autônomo a da grande formação social nacional a qual está inserida; pelo contrário, historicamente essas regiões tiveram seu desenvolvimento dependentes de diversas política nacionais de desenvolvimento industrial.

Referências Bibliográficas

ABIMAQ, Desindustrialização + Desnacionalização: Um risco à Soberania. Apresentação do presidente. 28º Fórum de Debates Brazilianas.org “A Política Industrial Brasileira”. 23 de Agosto de 2012. São Paulo.

_____ Indústria Brasileira de Bens de Capital Mecânicos: Indicadores Conjunturais. Departamento de Competitividade, Economia e Estatística. 2012

AZZONI, C. R. Indústria e reversão da polarização no Brasil. São Paulo: Série Ensaio Econômico nº 58, 1986.

BARALDI, E. A diversificação do mercado produtivo e das relações de trabalho nas empresas metal-mecânicas integrantes do CAI sucroalcooleiro de Piracicaba. 2000. Dissertação em geografia. FFLCH – USP.

CANABRAVA, A. P. & MENDES, M. T. A Região de Piracicaba. Revista do Arquivo Municipal. 1938. p.275-328

DEDINI. Dedini S/A Indústrias de Base. Disponível em www.dedini.com.br/. Acessado em 28/10/2012

DINIZ, C. C. Desenvolvimento poligonal no Brasil; nem desconcentração, nem polarização. Nova Economia. Belo Horizonte, v.31 ,n.1 1993.

_____ Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira. Nova Economia. Belo Horizonte, v.6 ,n.1 1996.

_____ A nova configuração urbano-industrial no Brasil. In: KON, Anita. (Org.). Unidade e fragmentação: a questão regional no Brasil. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CHANG, Ha-Joon. Entrevista. Jornal O Estado de São Paulo. Publicado em 07 de Janeiro de 2013.

HYUNDAI, Hyundai Motor Brasil. Disponível em <http://www.hyundai-motor.com.br/>. Acessado em 28/10/2012

JORNAL DE PIRACICABA, vários números e acervo histórico.

LENCIONI, S. A Reestruturação Urbano – Industrial: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo – a Indústria Têxtil. São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em Geografia) FFLCH – USP, São Paulo, 1991.

_____ Cisão territorial da indústria e integração regional no Estado de São Paulo. In: GONÇALVES, M. L., BRANDÃO, C. A., GALVÃO, A, C, F. (org) Regiões e cidade, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional. São Paulo: Ed. UNESP / ANPUR, 2003, p. 465-476.

LIPIETZ, A., LEBORGNE, D. O pós-fordismo e seu espaço. In: Revista Espaço e Debates, São Paulo: NERU, n 25, p. 12-29. 1998.

LEÃO, R. M. Dedini: a força de um ideal. Piracicaba. 2005

MAMIGONIAN, A. Teorias sobre a Industrialização Brasileira. Cadernos Geográficos/ UFSC. Florianópolis, 1999.

_____ A Geografia e a Formação Social como teoria e Como método. In: SOUZA, M. A. A. O Mundo do Cidadão um Cidadão do Mundo. Editora Hucitec. São Paulo, 1996.

MULLER, N. L. Bairros Rurais do município de Piracicaba. Boletim Paulista de Geografia No 43. 1966

NEGRI, B. Um estudo de caso da indústria nacional de equipamentos: análise do Grupo Dedini (1920-1975). Dissertação em Economia, Unicamp, 1977.

_____ Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1889-1990) Campinas: Editora da Unicamp, 1996

PETRONE, Maria Thereza S. A Lavoura Canavieira em São Paulo – Expansão e Declínio (1765 – 1851). São Paulo : Difel, 1968.

RAMOS, P. História Econômica de Piracicaba (176-1930): As particularidades do complexo canavieiro paulista. In. TERCI, Eliana Tadeu (org.). O desenvolvimento de Piracicaba: História e Perspectivas. Piracicaba: Editora Unimep, 2001.

RUAS, D. G. G. O processo de concentração das unidades industriais sucroalcooleiras do Estado de São Paulo: 1970-1992. Tese em geografia. UNESP-RC. 1996.

SELINGARD-SAMPAIO, S. Geografia Industrial de Piracicaba: um exemplo de interação indústria-agricultura. São Paulo. IGEOG-USP. 1976.

_____. Indústria e território em São Paulo: a estruturação do Multicomplexo Territorial Industrial Paulista: 1950-2005. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. Antipode, no 1, vol. 9, jan/fev de 1977.

SCHUMPETER, J. A Teoria do desenvolvimento econômico. São Paulo. Abril Cultural. 1985.

SCOTT, Regions and the World Economy – The coming shape of global production, competition, and political order. Oxford University Press, 1998.

SEADE – FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. Informação dos Municípios Paulistas – IMP. Disponível em: < <http://www.seade.gov.br/produtos/imp/> > Acesso em 2010

SILVA, M. A. da. Globalizações ou Formações Sociais Nacionais? . Ciência Geográfica. Bauro. X, vol. X. Setembro/Dezembro de 2004.

TERCI, Eliana Tadeu (org.). O desenvolvimento de Piracicaba: História e Perspectivas. Piracicaba: Editora Unimep, 2001.